

Participação e identidade profissional: A prática associativa de bibliotecários junto à associação de classe – ABMG**Participation and professional identity: The associative practice of libraries with the class association - ABMG**

DOI:10.34117/bjdv6n6-578

Recebimento dos originais: 26/05/2020

Aceitação para publicação: 26/06/2020

Andréa De P. B Martins

Mestrado Profissional em Gestão Social Educação e Desenvolvimento Local

Instituição: Centro Universitário Uma

E-mail: dedehbrandão@hotmail.com

Áurea R. G. Thomazi

Orientadora e Docente do Programa de Pós Graduação em Gestão Social Educação e Desenvolvimento Local

Instituição: Centro Universitário Una

E-mail: aureagt@gmail.com

RESUMO

O presente artigo na perspectiva do desenvolvimento local, buscou compreender a partir dos processos políticos sociais e articulações interinstitucionais, a participação e a prática associativa de profissionais bibliotecários junto ao órgão de classe profissional. O problema investigado é verificar a partir do que descrevem alguns autores sobre a participação incipiente, tímida ou não participação dos bibliotecários em órgãos de classe, se esta situação atinge também os bibliotecários do sistema universitário. Como demonstrado por alguns autores, justifica-se o pouco interesse dessa classe trabalhadora em participar das associações de representação de classe profissional, com o desinteresse pelos espaços associativos. Muitos apontam a falta de formação política, questões culturais, rotinas de trabalho incompatíveis, também devido à prática participativa ser muito desgastante exigindo disponibilidade de tempo, empenho e estudo dentre tantos outros motivos. Aqui, o interesse específico é pela participação dos bibliotecários na Associação dos Bibliotecários de Minas Gerais (ABMG). Se há participação, é preciso pensar também sobre os critérios da qualidade política da associação: representatividade, legitimidade, participação de base e auto sustentação, analisados na perspectiva das relações estabelecidas entre o Sistema de Bibliotecas da UFMG e a associação de classe – ABMG, priorizando a perspectiva dos bibliotecários.

Palavras-chave: Participação, Associação de Classe, Bibliotecários.**ABSTRACT**

The present article in the perspective of local development, sought to understand from the social political processes and interinstitutional articulations, the participation and associative practice of librarian professionals with the professional class body. The problem investigated

is to verify from what some authors describe about the incipient, timid or not participation of librarians in class bodies, if this situation also affects librarians in the university system. As shown by some authors, this working class's little interest in participating in professional class representation associations is justified, with a lack of interest in associative spaces. Many point out the lack of political training, cultural issues, incompatible work routines, also due to the fact that participatory practice is very exhausting, requiring the availability of time, commitment and study among many other reasons. Here, the specific interest is in the participation of librarians in the Association of Librarians of Minas Gerais (ABMG). If there is participation, it is also necessary to think about the criteria of the political quality of the association: representativeness, legitimacy, grassroots participation and self-support, analyzed from the perspective of the relationships established between the UFMG Library System and the class association - ABMG, prioritizing the librarians' perspective.

Keywords: Participation, Class Association, Librarians.

1 INTRODUÇÃO

Após a constituição de 1988 verificou-se no Brasil um esforço de diferentes iniciativas populares e movimentos sociais em busca da consolidação da carta maior do país, bem como a garantia dos direitos sociais, civis e políticos dos cidadãos. Nos últimos anos tem-se constatado cada vez a necessidade e um esforço por alcançar o desenvolvimento do país, a inclusão social através de políticas públicas, a democracia a partir da ação coletiva participativa de diversos grupos, dos sujeitos sociais. Contudo, para a conquista da democracia, da cidadania no Brasil não se pode descansar. Tampouco achar que o caminho é tranquilo, a perspectiva deve sim ser histórica, um processo naturalmente inacabado demandando de esforços de diversos setores e segmentos sociais incansavelmente como bem expõe Carvalho (2010) sobre a cidadania no Brasil.

Muito já se tem registrado na literatura sobre a importância, e os avanços obtidos a partir dos movimentos sociais (Dagnino, 1997) para uma nova reconfiguração social, para possibilidades de renovação nas relações entre o Estado e a sociedade civil. Um “novo” mundo globalizado, impactado pelas tecnologias informacionais e comunicação, que obriga a todos a repensar posturas político-sociais em face das mudanças de paradigmas (tempo espaço) da vida em rede (Castells, 2000) em que a identidade do sujeito está sempre em construção, e para cada situação lança-se mão de elementos identitários para que o sujeito se coloque em cada situação vivenciada.

Na perspectiva da participação sociopolítica, da construção conjunta, da ação coletiva (Gohn, 2007) mostra em seus estudos sobre a criação de instrumentos como os conselhos gestores, constituídos como espaços de disputa de poder e participação visando a consolidação

das práticas democráticas onde a sociedade civil busca cada vez mais o acesso aos aparatos do Estado. Já sobre o associativismo (Avritzer, 1997) apresenta a importância do mesmo, em que atores sociais unidos por objetivos comuns e que de certa maneira conferidos por uma identidade que é construída e reconstruída nesta relação, contribuem com a participação para o exercício da cidadania mais ampla mesmo que muitas vezes sejam interesses que se revelem corporativistas como no caso das associações profissionais ou de grupos específicos.

2 AS ASSOCIAÇÕES

Sobre as associações diversos autores registraram a importância do associativismo para a consolidação da democracia, a partir das contribuições de Tocqueville¹ (1835), depois Boschi (1987) que via a associação como uma arte, levando-se em consideração o espírito da igualdade, solidariedade, cooperação ajuda mútua. Uma prática política a partir da ação coletiva. O associacionismo voluntário é descrito quanto a sua função e natureza como,

grupos formais livremente constituídos, aos quais se tem acesso por própria escolha e que perseguem interesses mútuos e pessoais ou então escopos coletivos. O fundamento desta particular configuração de grupo social é sempre normativo, no sentido de que se trata de uma entidade organizada de indivíduos coligados entre si por um conjunto de regras reconhecidas repartidas, que definem os fins, os poderes e os procedimentos dos participantes, com base em determinados modelos de comportamento oficialmente aprovados (BOBBIO, 2004 p.64).

O movimento associativo dos bibliotecários no Brasil, foi marcado pela criação da FEBAB² em 1959, quando o movimento social dos bibliotecários começa a ganhar força, expressão e visibilidade a partir dos seus encontros como os Congressos, Seminários buscando congregar tanto as associações regionais, sendo referência para o profissional bibliotecário.

Sobre o movimento associativo, a associação de bibliotecários em Minas Gerais a partir de estudo comparativo, Lanna (1985) trás a seguinte contribuição conclamando a todos a pensarem sobre a própria participação nas associações, bem como, sobre a real estrutura da associação de bibliotecários de Minas Gerais – ABMG. Sabendo, portanto, das dificuldades encontradas, e dos desafios a serem enfrentados pelos movimentos sociais de modo geral a autora fez o seguinte alerta “conquistas ou fracassos – de uma Associação – não devem ser propriedade de um indivíduo ou uma Diretoria. O compromisso de contribuir para o crescimento dessa Entidade, pertence a todos os profissionais da área”.

¹ Democracia na América

² Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários

Para tanto, a literatura mostra que sempre houve uma preocupação em fazer distinção entre associar e filiar-se (Vasconcelos³, 1980; Lanna, 1985), havendo ainda certa confusão quanto ao papel, missão, objetivos das associações, conselhos de classe e sindicatos. Tal situação ainda recorrente para a categoria profissional de bibliotecários ainda nos dias atuais.

Como já mencionado anteriormente é preciso entender a associação como uma arte (Boschi, 1987), e também a participação como um compromisso para a própria vida do sujeito social, Bordenave (1994 p.16-17) diz que a ação de participar pode ser identificada e compreendida em três situações importantes, onde o sujeito pode “fazer parte, tomar parte, ter parte”. O autor pontua também, a “A participação como autogestão”, em que o sentido do associativismo voluntário ganha destaque, em que a proatividade dessa escolha individual passa pela inserção no movimento participativo. A busca do trabalhador por satisfazer suas necessidades de interação, de autoexpressão, da reflexão sobre o estar no mundo, e principalmente no mundo do trabalho, exercendo plenamente sua capacidade criativa, e de associar para construir algo conjuntamente, o reconhecimento mútuo, a valorização de si e do outro.

As citações de Bordenave (1994), trazem subsídios para a investigação junto aos bibliotecários como eles entendem a participação para a satisfação de suas necessidades individuais e coletivas, no enfrentamento dos desafios impostos na atual conjuntura. E como seria a autogestão do Sistema de bibliotecas e suas vinculações com a associação de classe.

Os primeiros levantamentos apontam que a participação junto à associação tem sido marcada pela busca de uma parceria, e apoio mútuo para eventos específicos da categoria, como seminários e datas comemorativas como o dia do bibliotecário. E a relação estabelecida tem sido feita de gestor para gestor somente. Ou seja, a direção do sistema de bibliotecas convida para um evento, para compor uma mesa etc. Evidenciando a necessidade urgente de reunir esforços e empenho com ações estratégicas de ambas as partes no sentido de trabalhar a aproximação dos bibliotecários da associação.

A participação dos bibliotecários do sistema de bibliotecas junto à associação de classe precisa ser resgatada estimulando os bibliotecários a terem um olhar sobre este espaço de atuação, para Demo (1986 p.482) “a participação é um processo histórico de conquista da autopromoção e somente acontece se for uma conquista competente”, no caso da profissão de

³ ASSOCIAR-SE que quer dizer UNIR, AGREGAR, LUTAR por ideal comum, FILIAR, é apenas entrar para uma sociedade, para um clube social desvinculado de objetivos fundamentais de uma categoria profissional.

bibliotecário na competência do fazer ganhar visibilidade para a profissão e sua importância para no processo educacional.

Apresentando ainda como objetivos da participação “a autopromoção, a realização da cidadania, a implementação de regras democráticas de jogo, o controle do poder, controle da burocracia, o estabelecimento da negociação e a construção de uma cultura democrática” Demo (1986 p.475) é preciso pensar a participação dos bibliotecários junto à associação a partir desta perspectiva dos objetivos apresentados.

A participação na perspectiva do desenvolvimento local e também como oportunidade de aprendizagem é trazida por Martins (2002, p.52) “participação é empenho pessoal por um aprendizado difícil das regras e meios de se fazer ouvir, entender e atender,” mantendo uma relação “direta com a capacidade individual ou coletiva de interagir, cooperar, associar-se e confiar, isto é, com o chamado capital social” que vai sendo desenvolvido.

No que se refere à participação para o desenvolvimento local, percebe-se que o autor incita as pessoas a estarem sempre refletindo sobre suas capacidades, suas habilidades. A ordem está em ser capaz de criar redes colaborativas, interativas, relacionais, bem como no aprendizado coletivo para superação de problemas tendendo reverberar na postura do enfrentamento imediato dos desafios nas tomadas de decisões, propiciando o trabalho colaborativo, propositivo e assertivo, se não há espaço para as colocações, negociações, como saber as deficiências, as limitações individuais e do grupo?

Podendo entender aqui o local enquanto grupo de bibliotecários, o sistema de bibliotecas ou até mesmo para além da universidade a própria associação de bibliotecários.

Sendo o associativismo voluntário, é possível inferir que o movimento de busca pela participação em órgão representativo de classe demonstra não somente os itens já apresentados anteriormente sobre autopromoção, necessidades individuais ou coletivas dentre tantas possibilidades, como também evidencia a possibilidade de uma participação política a partir das relações e redes que se estabelecem pelas associações em si e com outras organizações. Há estudos que afirmam que [...] “o direito e o dever de participação política são duas faces da mesma realidade: a natureza associativa do ser humano”.

a participação política é um dever moral de todos os indivíduos e uma necessidade fundamental da natureza humana. A participação intensa e constante de muitos é necessária para impedir que alguns imponham uma ordem injusta, que sempre acaba sendo prejudicial para todos. (DALLARI 1983 p.36-38).

Para a reflexão sobre a participação política dos bibliotecários do Sistema de Bibliotecas junto a ABMG, o autor estimula a ideia da necessidade de se resgatar este princípio da natureza associativa do ser humano, bem como, o de usufruir do direito, cumprindo com os deveres impostos ao profissional para com a sociedade, no sentido da função social. Como também no âmbito da universidade há disputas acirradas pelo poder de gestão, a nota-se a gestão pública ainda muito centralizada, hierarquizada e burocrática a mobilização faz-se necessária mesmo tendo os conselhos e congregações. Ora pressionando ora cedendo em algum ponto, porém o engajamento nos movimentos, deveria ser uma meta constante a ser alcançada pelos bibliotecários do Sistema de Bibliotecas na universidade e junto a associação.

2.2 OS BIBLIOTECÁRIOS E AS ASSOCIAÇÕES

A importância dos bibliotecários buscarem a inserção junto a associação no caso específico de Minas Gerais pode ser traduzido como uma ação em prol do Pacto Nacional pela Biblioteconomia Brasileira acordado desde desde 2011 em que a reflexão passa pela questão da identidade profissional, e pelo processo de identificação com as causas porque se luta. Touraine *apud* por Goss 2004 p.80 aponta a questão do chamamento ao sujeito enquanto processo de identificação e não mais de identidade e se evidencia onde a lógica das técnicas e dos mercados entra em conflito com a lógica do sujeito, onde nenhum ator social contemporâneo luta sozinho, mas atua em rede, numa articulação que é global e cuja ação é local.

Ainda sobre os quatro critérios a serem verificados sobre a qualidade das associações (legitimidade, representatividade, participação de base e autosustentação, como sabê-los se não existe a aproximação e quando ocorre é quase inexpressiva, ou somente formal, pois quando ocorre se estabelece de gestão para gestão? Então inicialmente é preciso aprofundar a reflexão sobre o associacionismo voluntário, contudo com um plano de ação focado no desenvolvimento local seja da própria associação bem como o sistema de bibliotecas.

Definindo aqui o *locus* (Singer, Fischer) como a organização de trabalhadores, espaço local organizações, interorganizações redes. Nestes autores as bases metodológicas são focadas nos processos sociais, mediações de conflitos, planejamento local, ações individuais e coletivas, organizações de aprendizagem, construção de identidade e legitimidade. Somente a partir da participação na associação será possível mensurar sobre os quatro critérios.

Uma contribuição levantada na entrevista muito marcante de um militante em vários movimentos, que em contrapartida nunca se aproximou da associação faz a seguinte reflexão:

“enquanto cada um de nós não chamar para si a parte que cabe nesse latifúndio, eu me vejo no direito de nem questionar, porque eu não me dispus ainda a contribuir para o processo de consolidação, afirmação identitária da Associação, pois eu não sai do meu banquinho. Nesse ponto. Então eu poderia contribuir na etapa de dar a conhecer mesmo. Quem é essa coisa: ABMG?” (B7, 2013).

Ou seja, como avaliar a representatividade se não se conhece os que se arvoram a concorrer para a gestão da associação, como legitimar algo, se não participam, não se associam, não se movimentam, não se inserem no movimento nacional dos bibliotecários, a porta principal seria o reconhecimento da própria associação, como aferir a participação de base, se não há associados efetivos contribuindo com anuidades refletindo esta situação na autosustentação. Segundo Sherer-Warren (2011) “as associações são também elementos centrais no conceito de movimentos sociais (...) no sentido de complexificar e combinar as diferentes perspectivas e conceitos sobre a ação coletiva” e ainda considera que as associações formam estruturas mobilizadoras que do seu meio potencialmente podem ser construídos significados e sentidos para aqueles que ingressam nos movimentos, e ainda:

O associativismo é central, na medida em que se constitui como fenômeno que desloca as atribuições dos problemas e condições do plano pessoal para o plano sistêmico, requisito central para o desencadeamento de um movimento social. Assim em associação, as pessoas desenvolvem sentidos e percepções da vida social que transcendem a dimensão de base individual e pessoal (Sherer-Warren (2011, p 125).

O que mantém a associação “de pé” no atual momento não é a contribuição dos associados os recursos são oriundos de outras ações que não cabe aqui no momento.

Além dos interesses comuns a intenção cooperativa de união e integração, segundo Biasotti (1977) o termo associação está diretamente relacionado a movimento, trazendo este, dinamismo para práticas e relações estabelecidas, sendo corroborado na seguinte afirmativa “no trabalho de uma associação de classe, esta subentendida a intenção de atuar em prol do desenvolvimento de uma classe profissional, buscando a sua afirmação e o seu prestígio dentro da sociedade” (LANNA, 1985 p.84).

As associações, portanto, são espaços de poder e disputas constantes, participação e representação. Uma prática a ser estimulada e aprendida. Segundo Demo (1993) em Participação é Conquista, a participação é apresentada como algo a ser vislumbrado, conquistado e exercido, sempre visto e delineado enquanto processo histórico, aprendida na prática social percebida enquanto dimensão histórica de processo inacabado.

Participação supõe compromisso, envolvimento, presença em ações por vezes arriscadas e até temerárias. Por ser processo, não pode totalmente ser controlada. [...] é preciso encarar o poder de frente, partir dele, e, então abrir os espaços de participação, numa construção (DEMO, 1993 p.20).

A participação dos Bibliotecários em órgãos representativos como sindicatos e associações de classe é incipiente, e exercida de maneira tímida na prática, como apontam alguns estudos de Almeida Junior (1997), Castro (2000), Walter (2004), Dudziak (2007), Lima & Lima (2009), Ferreira *et al* (2011), Deus (2011), Spudeit (2011), Borges (2011), dentre tantos outros encontrados na literatura da área de biblioteconomia.

Houve ao longo da história da biblioteconomia brasileira momentos de grande interesse pela participação em prol de objetivos comuns como exemplo a regulamentação da profissão em 1962, a fundação da ABMG ocorreu em 1960. Houve em outros momentos como já apontado anteriormente o esvaziamento dos movimentos das associações, questão atual a ser equacionada.

O esvaziamento destes espaços associativos, tem como resultados crises políticas e crises financeiras⁴ dificultando a gestão dos mesmos como mencionados em vários encontros e apresentações técnicas da FEBAB; CBBBD⁵, SNBU⁶ (2010) e (2012) e ALA⁷.

Em seu livro “História da Biblioteconomia Brasileira” Almeida Junior (1997, p.109) defende a ideia de uma biblioteconomia subversiva, por acreditar que esta classe trabalhadora ainda não possui uma consciência da sua função social, que seja capaz de se articular propondo mudanças na estrutura social, trabalhando de fato para a sociedade.

Segundo o autor, falta aos bibliotecários consciência de classe, fixando-o neste sentido da militância da participação num lugar de amadores incapazes de se articularem e de se apropriarem dos espaços já constituídos para as reflexões, disputas e embates políticos, não se consolidando desta maneira o *empowerment*⁸ onde o bibliotecário seja protagonista.

Diante das questões já apresentadas sobre o movimento associativo de bibliotecários, e participação considerando os estratos existentes dentro da própria categoria profissional, o estudo tem como foco os profissionais bibliotecários universitários do sistema de bibliotecas.

⁴ BORGES, Maria Cléa; ROMANELLI, Maria de Lourdes Côrtes. How can libraries, librarians and library associations be or not to be successful on developing countries: case study: Minas Gerais Library Association, Brasil. In: IFLA WORLD LIBRARY AND INFORMATION CONGRESS: 77th, 13-18 August 2011, San Juan, Puerto Rico. **IFLA General Conference and Assembly: IFLA, 2011**. Disponível em: <<http://conference.ifla.org/past/ifla77/125-borges-en.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2013.

⁵ Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação.

⁶ Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias.

⁷ Association Library of American.

⁸ Empoderamento.

A Universidade Federal de Minas Gerais possui um Sistema de Bibliotecas composto por 26 bibliotecas congregando em torno de 139 bibliotecários aproximadamente. A universidade mantém um curso de biblioteconomia há mais de 60 anos, por isso o interesse neste local, no seu desenvolvimento e nas relações político sociais estabelecidas intra e extra muros, a partir das relações de trabalho. As reflexões se dão a partir das falas dos bibliotecários registradas em 15 entrevistas, tendo sido estes escolhidos dentre os 69 bibliotecários que responderam a um questionário para um levantamento de perfil e se estes se encontravam associados ou não.

Como demonstrado por alguns autores, justifica-se o pouco interesse dessa classe trabalhadora em participar das associações de representação de classe, com o desinteresse pelos espaços associativos, falta de formação política, questões culturais, a falta de tempo, rotinas de trabalho incompatíveis, também devido à prática ser muito desgastante exigindo disponibilidade de tempo, empenho e estudo dentre tantos outros motivos.

Pensando ainda na contribuição de Demo (1993, p.70), ele relaciona a qualidade participativa ao exercício da cidadania. Dizendo que a “cidadania é a qualidade social de uma sociedade organizada sob a forma de direitos e deveres majoritariamente reconhecidos”. Então aqui a reflexão passa não somente pela função social e educacional do bibliotecário, mas também pela necessidade da qualidade participativa ao exercer a sua profissão, a sua cidadania no mundo do trabalho, o profissional consciente de seus deveres e defendendo os direitos sociais e coletivos.

Sobre a qualidade da participação política nos órgãos de classe, talvez seja ainda impossível avaliar a qualidade da participação. É preciso identificar primeiro o que seja entendido ou percebido como participação e de que forma ela ocorre nesta interação dos bibliotecários do sistema de bibliotecas da universidade e a associação de classe. Para esta investigação será preciso enxergar para além das estruturas burocráticas formais, perguntando se o bibliotecário é participativo ou se apenas associado. Se há participação, é preciso pensar sobre os critérios da qualidade política das associações.

Seguindo as considerações do autor onde ele afirma que embora não seja possível um modelo pronto a ser seguido, ainda assim é preciso pensar critérios de avaliação dentro dos processos participativos, dos movimentos associativos. Assim sendo, Demo (1993 p. 116) elenca “quatro critérios de qualidade política de associações: representatividade, legitimidade, participação da base, auto sustentação”. A qualidade política dos gestores da associação apontará para a expressão da representatividade sendo este o primeiro critério a ser observado;

Conhecer as lideranças e o processo de engajamento e envolvimento destes com a associação seria fundamental para o reconhecimento identitário com os movimentos, com as causas, projetos, mobilizações para ações coletivas etc.

O segundo critério a ser observado será a legitimidade onde a importância estaria na “qualidade política do processo participativo, quando estiver fundado em estado de direito”. Ainda segundo Demo, “no plano de uma associação, a legitimidade se forja através dos estatutos, que, neste sentido, seriam uma obra-prima dos membros”. Destaca que ser sócio é diferente de ser membro e completa

lá se coloca de comum acordo, como alguém se torna membro da associação, como se desliga, como se fazem os chefes e se os impugnam, quais direitos e quais deveres são de todos, como funciona no dia-a-dia, como praticam reuniões, como se legisla e se julga, e assim por diante (DEMO, 1993, p.119).

Há uma crítica profunda de Demo no que se refere à atenção culturalmente dispensada apenas ao aspecto burocrático da construção dos estatutos de associações, ressaltando ele que há a preocupação apenas com a formalidade legal, não se importando aprofundar no aspecto que seria o próprio “compromisso político”. Ressaltando ainda que ser membro de uma associação significaria ser “parte integrante, consciente, compromissada, o verdadeiro dono e a autêntica origem da associação.” O membro seria ser cidadão exercendo a cidadania participativa, “é a cidadania organizada que funda a legitimidade de todos os processos participativos”.

Como terceiro critério pontua o autor a Participação da Base. Destacando aqui que “a qualidade política de uma associação se decide aqui, porque na mobilização organizada da base demonstra se existe, ou se é uma farsa”, salientando que,

o que é indispensável é a intensidade participativa, a coesão organizada e compromissada ideologicamente, a realização conjunta de um projeto comum, sentido e definido como comum, na vibração da identidade de propósitos, de passado e de futuro (DEMO, 1993 p.121).

Como a associação foi fundada na década de 1960 e ainda hoje é possível encontrar militantes da década de 1970, atuando ou colaborando com a mesma, esses atores dos primeiros momentos da associação ainda permanecem de certa maneira a frente estabelecendo o elo desse passado com a atualidade, onde constata-se que a história de vida de algumas pessoas acaba se entrelaçando com a da própria associação, imprimindo também uma imagem

na mesma, uma vez que pessoas que entraram jovens para o movimento associativo são citadas por entrevistados, mesmo que estes não estejam associados.

A obra de Demo (1993), alerta sobre a importância da conscientização e da organização das ações. A participação é uma forma de poder, de exercê-lo através da prática das relações sociais, dizendo ainda “para uma comunidade ter voz e vez precisa organizar-se” (DEMO, 1993 p,72). Aqui o poder percebido enquanto processo em que seja possível, refletir, pensar, agir chamando a atenção para o cuidado de não banalizar o termo da participação.

Com os levantamentos até aqui obtidos, vislumbra-se que grande parte dos motivos para participação ou não participação possivelmente, vão ao encontro do que o autor classificou como critérios de qualidade política de associações. O não reconhecimento desses critérios ou por parte das instituições ou pelos bibliotecários pode dificultar o engajamento em ações coletivas, em movimentos de interesse da classe.

Na avaliação sobre a importância da associação, e qual significado os bibliotecários atribuem ao conceito de participação, e como percebem e avaliam a própria participação, junto ao órgão de representação de classe, revela-se que menos de 4% dos bibliotecários do sistema de bibliotecas encontram-se associados no ano corrente. Contudo, todos os entrevistados externam a opinião de que a associação é muito importante para o profissional no quesito da educação continuada (cursos oferecidos), para a imagem do bibliotecário e visibilidade para a profissão, justificando a maioria que estão afastados da associação devido a estarem muito envolvidos com a universidade, dificuldade para atualizar o cadastro e até mesmo o acesso ao pagamento do boleto bancário não ser facilitado.

Quanto ao sindicato dos servidores federais 20% estão filiados. Sendo que tanto no CRB6, quanto no sindicato e vários outros espaços de participação e representação dentro da universidade, esta percentagem sobe um pouco mais para 6%, pois há bibliotecários eleitos para uma participação mais efetiva nos cargos de liderança e participação representativa. Quanto a qualificação dos entrevistados os questionários apontaram 68% tem especialização, 6% com mestrado concluído e alguns já envolvidos com processos para o doutorado. De acordo com o novo plano de carreira para as IFES esta qualificação tende a aumentar uma vez que há incentivos financeiros impactando na carreira.

Devido ao baixo número de associados à ABMG, buscou-se saber em quais espaços o bibliotecário tem atuado dentro da universidade, constatando que nos últimos 10 anos 88% dos entrevistados exerceram cargos de liderança ou representação na universidade, em conselhos, congregações, chefias, comissões tendo recebido capacitação para algumas

funções, mas a maioria o aprendizado se deu na prática no exercício da função ou seja participando.

Ao serem indagados se identificavam alguma relação na forma de participação na universidade com a participação na ABMG e outros órgãos de representação externos a Universidade, 72% responderam negativamente, não vendo também em torno de 43% o sistema de bibliotecas articulado, integrado e atuante com outros setores. Fica claro que há uma participação muito tímida como apontaram os autores anteriormente. Contudo, que precisam ser mais bem investigados o motivo para tanto desinteresse. Neste sentido é possível inferir que talvez seja devido a própria estrutura hoje destes espaços de representação que ainda não são paritários na universidade mantendo a distribuição recomendada pela LDB9.394/96⁹ onde os docentes mantêm 70% dos assentos voz e voto nos espaços políticos e de poder.

Esta cultura antidemocrática reflete também no comportamento, na postura dos bibliotecários em outras instâncias relação aos órgãos de classe, como o conselho regional e a associação, desestimulando a participação gerando o interesse por estes espaços, mudar esta situação tornou-se bandeira de luta do sindicato a fim de modificar esta situação em relação aos servidores técnico administrativo em educação de modo geral.

Em seu texto introdutório sobre o dever de participação política, pode-se inferir o que é acrescentado aos apontamentos de Demo, a colocação de que:

Todo indivíduo exerce alguma influência sobre o meio social em que vive e sofre influência desse meio por mais que procure isolar-se [...] a participação não depende de se desejar ou não, pois mesmo aqueles que não tomam qualquer atitude são utilizados pelos grupos mais ativos, visto que o silêncio e a passividade são interpretados como sinais de concordância com as decisões dos grupos dominante (DALLARI, 1983, p.34).

Esta colocação de Dallari ajuda a compreender o comportamento muitas vezes tido como apático dos bibliotecários do SB, pois as demandas da comunidade acadêmica se avolumaram com o advento das novas tecnologias de informação e comunicação - TICs, com ensino o EAD, bem como após a implantação do Reuni, que significou acréscimo de vagas para estudantes e abertura de novos cursos. Neste sentido, em respostas às demandas apresentadas neste novo cenário de expansão espera-se maior participação propositiva e assertividade dos profissionais bibliotecários. Contudo, não se vê uma movimentação um rearranjo da

⁹ Lei de Diretrizes e Bases Capítulo IV art.56 § e único.

organização estrutural da universidade, tampouco mudança comportamental na mesma proporção em face destes estímulos ou impactos no sistema de bibliotecas que motivem a participação.

Embora haja um discurso presente no dia-a-dia dos profissionais Bibliotecários, e que é trazido desde a formação acadêmica sobre a relevância da profissão, resgata-se aqui novamente o que diz o autor sobre o papel social e transformador do profissional bibliotecário.

É importante que o bibliotecário reflita sobre os desafios apresentados à frente: a necessidade de construir uma sociedade inclusiva, que priorize a justiça, a equidade e o acesso democrático [...] para tanto é necessário preparar as pessoas para que sejam autônomas (DUDZIAK 2007,p.97).

Conforme tem demonstrado estudos sobre a participação em associações em outras regiões do Brasil, Almeida Junior (1997, p.108-109) pontua a baixa participação dos bibliotecários em órgãos de representação considerando como fatores para este comportamento o sentimento de inferioridade, falta de tradição e deturpação da sua imagem profissional, sendo este autor citado também por Ferreira *et al.* (2011). Já Pereira (2010), vem reforçar que o bibliotecário precisa perceber o valor dos órgãos associativos e de representação para o reconhecimento do seu fazer profissional, bem como, a sua capacidade enquanto agente transformador da realidade social.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de pouca participação nos espaços de representação os levantamentos apontam que o bibliotecário tem autoestima, que sua relação com o trabalho é prazerosa e que se sentem realizados com a profissão que escolheram, ficando evidente também uma preocupação com a rotina de trabalho em função dos usuários do sistema de bibliotecas.

Avaliam que a imagem que os docentes, discentes e comunidade de modo geral fazem do bibliotecário é positiva, que são profissionais respeitados, contudo todos pontuaram a relevância da associação, e que precisam de alguma forma voltarem para esta para a participação efetiva. Muitos por lembraram do passado em início da carreira pontuando alguma experiência com curso, encaminhamento para emprego, sentindo-se gratos e de certa maneira em falta com a associação, se justificando e externando a vontade de retribuírem de alguma forma o apoio que em algum momento receberam. Mas interessante como colocam a questão sempre algo a vir-a-ser, no futuro talvez para quando se aposentarem, neste sentido as falas contrariam os autores Demo e Bodernave pois o processo deveria se dar ao longo do

desenvolvimento da carreira, fazendo parte desta construção, sendo parte integrante do movimento, tendo parte nos deveres e responsabilidades num movimento coletivo.

Nas falas dos entrevistados, constata-se a perspectiva da construção coletiva, a participação em órgãos representativos é posta como algo de fato necessária, importante, estando cada vez mais valorizada. Acredita-se na possibilidade do trabalho colaborativo, interdisciplinar, intersetorial. A importância da qualidade participativa em que o sujeito protagonista possa contribuir para o desenvolvimento do próprio e das organizações, setores, grupos e movimentos sociais, políticas públicas etc. Acredita-se que estas práticas de ação participativa podem afetar a sociedade de modo geral, bem como o mundo do trabalho, sendo também impactante para a profissão de bibliotecário. Portanto os bibliotecários do SB, estabelecem conexões entre si, entre o sistema de bibliotecas, com universidades, sejam públicas ou privadas e com sistemas internacionais. Os bibliotecários mesmo não associados são participantes potenciais, porque acreditam nesta ideologia da união de forças para alcançar objetivos comuns em lutas coletivas, para o momento nas considerações finais mesmo com os dados parcialmente levantados fica a sugestão de utilizar o marketing social como um instrumento de promoção da associação de bibliotecários, demandando estudos neste sentido.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, JÚNIOR, O.F. de A. **Sociedade e Biblioteconomia**. São Paulo: Ed. Polis, 1997.
- AVRITZER, L. . **Um Desenho Institucional Para O Novo Associativismo**. Lua Nova, São Paulo, v. 1, n.39, p. 149-174, 1997.
- BIASOTTI, M. M. D. de La R. A situação das associações . In. **Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação**, 9. Porto Alegre, 3-8 jul de 1977. Anais ...Porto Alegre. Associação Rio-Grandense de Bibliotecários, 1977. V.2 p. 136
- BOBBIO, Norberto; MATTEUCI, Nicolas; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 12. ed. Brasília: UNB, 2004.
- BOSCHI, R. **A Arte da Associação**. Rio de Janeiro: Vertice. 1986.
- CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil. O Longo Caminho**. 13ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- CASTELLS, M. O poder da identidade. 2.ed. coleção: a era da informação: economia, sociedade e cultura. vol 2. São Paulo, editora: paz e terra, 2000. 530 p.

Castro, César Augusto. **História da biblioteconomia brasileira**. Brasília: Thesaurus Editora, 2000. 287 p.

DALLARI, D. de A. **O que é participação política?** São Paulo: Brasiliense, 2004.

DEMO, P. **Participação é conquista**: noções de política social participativa. 4ª ed. São Paulo, Cortez, 1999.

DEMO, P. **Conhecimento moderno**: sobre ética e intervenção do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1997. 317p.

DEUS, C.C.R.D. de, **Evolução das Bibliotecas Universitárias e suas relações com as Políticas Educacionais no Brasil**. In: **Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação**, 24., 2011, Maceió. 2011.

DUDZIAK, E. A., **O bibliotecário como agente de transformação em sociedade complexa**: integração entre ciência, tecnologia, desenvolvimento e inclusão social. Ponto de Acesso, Salvador, v.1, n.1, p.88-98, jun. 2007.

FISCHER, Tânia. **Poderes locais, desenvolvimento e gestão: introdução a uma agenda**. In: FISCHER, Tânia. (org.). **Gestão do desenvolvimento e poderes locais**: marcos teóricos e avaliação. Salvador: Casa da Qualidade, p. 12-32, 2002.

FERREIRA, M. M., EVANGELISTA, R., PEREIRA, J. S., **O profissional bibliotecário no Maranhão e sua relação com os Órgãos de Classe**, 24, **Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação**: Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social. Maceió 2011.

FONSECA, Edson Nery. **Ser ou não ser bibliotecário e outros manifestos contra a rotina**. Brasília: ABDF, 1988. 260 p.

FONSECA, J.J.S.da. **Planejamento participativo**. Disponível em: <<http://www.blogger.com/emailpostsuccess.g?returnTo=http://joaojosefonseca1.blogspot.com.br/2009/08/oqueplanejamento-participativo.html>>. Acesso em: 27 mai. 2012.

GANANÇA, A. C. **Associativismo no Brasil: características e limites para a construção de uma nova institucionalidade democrática participativa**. 2006. **Dissertação** (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília – UNB, Brasília, 2006.

GOHN, Maria da Glória. **Conselhos gestores e participação sociopolítica**. São Paulo: Cortez, 2001.

GOHN, Maria da Glória. **Teorias dos movimentos sociais**. Paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Loyola, 1997.

GOSS, Karine; PRUDENCIO, Kelly. **O conceito de movimentos sociais revisitado**. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, vol. 2, n. 1, jan.-jul. 2004, p.75-

91.Disponível em www.periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/download/.../12489
Acesso em 20/07/2013

LIMA, C.C de., LIMA, K.de, A auto imagem do bibliotecário versus a visão social: uma análise da valorização profissional. **Monografia**. Maceió, 2009. Universidade Federal de Alagoas.

SPUDEIT, D.F.A.O., Sindicatos de bibliotecários: história e atuação: Librarians' unions: history and practice. **Revista TransInformação, Campinas**, 23(3): 235-249, set/dez. 2011.

VASCONCELOS, M. L. C. R. Movimento associativo Ascensão ou desintegração. *Caderno Brasileiro de biblioteconomia*, 1 (1): 3-5, set, 1980.

TOURAINÉ, Alan. **Um novo paradigma**: para compreender o mundo hoje. Petrópolis: Vozes, 2006

WALTER, M. T. M. T. Identidade, valores e mudanças: o poder da identidade profissional. Os bibliotecários subsistem na sociedade da informação? **Em questão**. V.10, n.2, p. 287-299, jul/dez.2004.